

H I S T Ó R I A

& U T O P I A S



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

*Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História*

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

O COLAPSO DA MODERNIZAÇÃO DE ROBERT KURZ

Lincoln Secco

O verdadeiro limite da produção capitalista é o próprio capital. (Karl Marx)

O ano de 1992 foi marcado pelo lançamento de um livro ainda carente de aprofundados estudos: *O Colapso da Modernização* de Robert Kurz. Diante da assombrosa ousadia do autor (bem apontada por Robert Schwarz no prefácio da edição brasileira), da gravidade de suas conclusões e do seu rigor conceitual, calaram-se os habituais sicofantas do capital, incapacitados para uma apófase acerba e fundamentada. Mas também o movimento operário, colocado em cheque por Kurz, não tem engendrado estudos e discussões profícuas sobre o livro.

Kurz vê o “socialismo de caserna” do leste europeu como tributário da mesma lógica de valorização do capital atinente aos países ocidentais; a revolução bolchevique instaurou a repetição, num lapso de tempo menor, do mesmo processo multissecular, ocorrido no ocidente, de acumulação primitiva e de emergência do trabalho abstrato e da forma mercadoria como categorias históricas dominantes (“modernização recuperadora”, na terminologia de Kurz).

Destarte, a crise do leste europeu é a crise do capital, iniciada no Terceiro Mundo e que já abarca partes do primeiro mundo. As causas do fim do “socialismo de caserna” (Kurz) são perscrutadas sob ótica da teoria do valor-trabalho: como gigantesco sistema centralizado de acumulação de mais-valia que eliminou a concorrência e monopolizou o comércio exterior, o Estado Soviético desestimulou a produtividade da força de trabalho e levou a economia à escassez perene. Isto por duas razões principais.

1) Como o escopo da produção é o máximo valor possível, estabelece-se o maior dispêndio de trabalho vivo e matéria-prima na feitura do produto (ineficiência e escasso valor de uso) — Não há concorrência para estimular

o incremento da produtividade via diminuição do valor novo agregado por unidade de mercadoria;

2) O lucro das empresas é calculado como margem do custo de produção, o que conduz à permanente inflação do mesmo. Estes não são erros operacionais ou de comando, mas decorrências inescapáveis do processo de “modernização recuperadora”. Mas cumpre tangenciar ao menos o busflis da obra em si que não se reduz apenas à consideração do “socialismo de caserna” como parte integrante do sistema mundial produtor de mercadorias — por baixo da superfície oculta-se o punctum saliens, que é um decurso da empresa teórica de Marx em *Das Kapital*.

O que permite a Kurz proceder uma metacrítica do sistema mundial produtor de mercadorias (incluindo o “socialismo real”) é, dentre outros fatores, a definição de fases monetaristas e estatistas num movimento pendular durante toda a história do sistema capitalista; dessa forma, o estatismo, enquanto ideologia oficial dos bolcheviques de 1917, remete às idéias mercantilistas do século XVI e, particularmente, ao “Estado Racional” descrito por Fichte no ano de 1800. Tal crítica atinge, obviamente, Lênin:

Assim, os bolcheviques ficaram ‘praticamente’ com a razão, tendo que se iludir, porém, ideologicamente, quanto ao verdadeiro conteúdo de sua revolução, devido à ilusão de Lênin sobre a primazia da política.¹

O movimento operário foi um enorme fator de desentranço das relações sociais de produção que impediam o aumento das forças produtivas na Rússia czarista, promovendo o desenvolvimento tardio e intensificado de uma sociedade atrasada. Inobstante tal fato, Kurz desconsidera as tentativas de Lênin ao formular a categoria “capitalismo de Estado” e mesmo de vários teóricos que tentaram caracterizar a “etapa de transição” inaugurada pelos bolcheviques; não poupa críticas também à social-democracia europeia, dirigente de um modelo econômico esgotado e ao movimento ecológico, prisioneiro de uma crítica ao consumismo que não ultrapassa a ideologia burguesa, responsabilizando os produtos industrializados pela degradação ambiental; ora, o fetichismo não reside nas coisas, mas na forma mercadoria, assim como a degradação ambiental não resulta do fato de se produzir bens de uso e sim do contrário, do fato de se abstrair cada vez mais o valor de uso subordinado a produção real ao engendramento formal do valor econômico e

1 R. Kurz, *O Colapso da Modernização*, trad. Karen E. Barbosa, Rio de Janeiro, 1992, p. 54 (nas demais referências citaremos apenas a página mantendo como base esta mesma edição).

transformando os produtos reais em mero estágio evanescente da transmutação formal do capital mercadoria em capital dinheiro. Cumpre aqui fazer algumas ponderações derivadas da matriz categorial de Kurz: *O Capital*, de Karl Marx.

Sob as injunções do modo de produção capitalista todo trabalho vivo se objetiva de forma alienada em trabalho morto alheio, representado pelo dinheiro, que por sua vez emerge da necessidade de representar exteriormente a antítese interna entre valor de uso e “valor latente na natureza da mercadoria” (Marx). O movimento cíclico de reprodução ampliada do capital é o metabolismo social real de valores de uso concretos (força de trabalho, meios de produção, matérias-primas, etc.), mas o desiderato da produção capitalista aparece desde o início como a produção de mais-valia; toda geração de bens de uso é tão somente o “pretexto” inconsciente e indispensável para o engendramento do valor; nestas condições este não é apenas a “mediação social dos valores de uso” (Kurz, p. 27) mas a finalidade imanente a um movimento automático de valorização do valor.

Destarte, se o movimento do dinheiro reflete a circulação de mercadorias como uma somatória de momentos específicos da auto-valorização do valor como um todo (tempo de rotação do capital), ele atua como meio circulante, mas aparece como determinante do curso das mercadorias numa inversão apontada por Marx:

O dinheiro afasta as mercadorias constantemente da esfera de circulação, ao colocar-se continuamente em seus lugares na circulação e, com isso, distanciando-se de seu próprio ponto de partida. Embora o movimento do dinheiro seja portanto apenas a expressão da circulação de mercadorias, a circulação de mercadorias aparece, ao contrário, apenas como resultado do movimento do dinheiro.²

A produção abstrata de valor subordina a produção real de valores de uso; como mercadoria, um produto é algo desprovido de suas qualidades sensoriais e físicas, sendo somente “gelatina indiferenciada de trabalho abstrato.” (Marx).

O caráter sensorial do produto é secundário diante da “produção insensível de mais-valia.” (Kurz). Mas se a alta produtividade do trabalho criou as bases objetivas da superação do trabalho enquanto necessidade

2 K. H. Marx, *O Capital*, São Paulo, 1984, V. I, T. 1, p. 101.

pretensamente ontológica dos homens, como emancipação da natureza, o automovimento do dinheiro, impõe uma segunda natureza constituída pela reprodução social da forma mercadoria.³

Exatamente esta segunda natureza, dotada de leis coativas inescapáveis para os sujeitos humanos que não são outra coisa que “monadas”, “máscaras de dinheiro” (Kurz), é que desvela seus limites de reprodução. O enorme incremento das forças produtivas impulsionado pela concorrência, entre unidades empresariais e entre países, que leva à diminuição (*ceteris paribus*) do valor unitário das mercadorias, só agora cria as bases objetivas da superação da produção mercantil e do dispêndio de trabalho abstrato. O modo de produção do capital arrasta assim a sua crise terminal, para Kurz iniciada nas sociedades subdesenvolvidas do terceiro mundo que ensaiaram uma modernização recuperadora hipertardia e logo abortada. Como isto se explica? Veja-se o caso brasileiro, por exemplo: a substituição de importações visando a autonomização nacional da produção do departamento-2 (bens de consumo) implicou a necessidade da dependência externa de produtos do departamento-1 (bens de capital), continuamente importados.

Os meios de produção, dado seu alto índice de “depreciação moral” (obsolescência tecnológica) e a necessidade de conhecimentos técnicos e científicos enormes aplicados à produção, requerem grandes investimentos de capitais impossíveis de serem mobilizados no terceiro mundo. Por outro lado, o atrativo da mão-de-obra barata tornou-se dispensável!

A crise perpassou as sociedades (“recuperadoras”) do leste europeu e atinge o núcleo do sistema mundial de produção de mercadorias. Os EUA, já integrantes das regiões perdedoras ultrapassados pelos níveis de produtividade do Japão e Alemanha, enfrentam seguidos déficits comerciais compensados artificialmente com o refluxo dos excedentes obtidos pelos seus parceiros asiáticos na forma de empréstimos monetários (Kurz, 212-13). Por outro lado, os ganhos com o setor de serviços mantidos com imposições no âmbito do GATT, não ocultam o caráter socialmente improdutivo dos serviços (209). Excetuadas atividades às quais faremos referência *plus ultra*.

Observando-se o capital como “valor progressivo”, reconhece-se que tal processualidade implica a auto-realização incessante do próprio valor, a auto-expansão do capital e de suas contradições imanentes, as quais criam continuamente as formas em que podem se movimentar. O capital se valoriza apropriando-se de trabalho não pago (mais-valia), o que impõe como um

3 *Idem, ibid.* p. 81. Cumpre destacar que o dinheiro não é apenas representação ou signo das relações sociais (vide p. 83), é uma mercadoria que assume uma forma de valor relativa desenvolvida (equivalente geral). A tendência é, porém, passar de simples mediação do intercâmbio de mercadorias para uma finalidade em si mesma (vide p. 111).

primus o incremento irreparável das forças produtivas e, por conseguinte, da reprodução ampliada (acumulação). A longo prazo, tal incremento imprime maior composição orgânica do capital e a redundância relativa do trabalho vivo, o que é uma contradição à própria acumulação e gera crises homeostáticas (que repõem as condições de equilíbrio do sistema).⁴

Dessas contradições imanentes do capital enquanto processualidade que exige maior extração de trabalho não-pago e ao mesmo tempo elimina paulatinamente o trabalho vivo que gera tal excedente, e que são necessariamente “determinações constitutivas do capital” (Marx), Robert Kurz deriva seus prognósticos de colapso do sistema.

O aumento de produtividade do trabalho, *ceteris paribus*, diminui o valor das mercadorias e é um decurso da concorrência. Nas condições atuais a possibilidade de se combinar a produtividade crescente e a redundância relativa do trabalho vivo com o aumento absoluto deste. O corolário é a dispensa de trabalhadores! Isto é uma contradição interna ao capital, já que este mitiga exatamente seu fator essencial de reprodução cíclica, a força de trabalho, mediante o aumento da composição orgânica. Tal fenômeno inscrito potencialmente no processo da valorização, já fôra explicado por Marx no capítulo “maquinaria e grande indústria” de *magnum opus*:

O número de trabalhadores simultaneamente ocupados depende, por sua vez, da proporção entre a parte variável do capital e a constante. Agora, é claro que a produção mecanizada, como quer que expanda, mediante o aumento da força produtiva do trabalho, o mais trabalho à custa do trabalho necessário, só alcança esse resultado ao diminuir o número de operários ocupados por dado capital, que antes era variável, isto é, que se convertia em força de trabalho viva, em maquinaria, portanto em capital constante, que não produz mais-valia (...) Há, portanto, na aplicação da maquinária à produção de mais-valia, uma contradição imanente, já que dois dos fatores da mais-valia que um capital de dada grandeza fornece ela só aumenta um, a taxa de mais-valia, porque reduz o outro fator, o número de trabalhadores.⁵

- 4 *Idem, ibid.* I, 2, p. 200. Os esquemas de reprodução capitalista e a possibilidade de crises. A estrutura lógica das crises pode ser observada já no volume I (id. *ibid.* p. 100; consulte-se também último capítulo do volume II; id. *ibid.* II).
- 5 *Idem, ibid.* I, 2, p. 31; Lembre-se que a massa de mais-valia é produto da taxa de mais-valia e do número de trabalhadores; note-se que Marx considera constante a jornada de trabalho e desconsidera o possível aumento do capital variável com idêntico ou menor número de trabalhadores através do incremento do trabalho não-pago (*Idem, ibid.* p. 203);

Por sua vez, Kurz observa o fenômeno na sua concretude, tal qual se desenvolve nos dias de hoje:

Tendencialmente, o capitalismo tornou-se 'incapaz de explorar', isto é, pela primeira vez na história capitalista está diminuindo também em termos absolutos — independentemente do movimento conjuntural — a massa global do trabalho abstrato produtivamente explorado, e isso em virtude da intensificação permanente da força produtiva (p. 266).

A contradição atinge seu limite e o avanço da produtividade do trabalho não se pode dar mais no âmbito das relações capitalistas de produção. Mesmo o setor de serviços é insuficiente para a propagação do capital, pois é improdutivo do ponto de vista da produção capitalista mundial, representando mera dedução da riqueza social global (obviamente há as exceções, como o serviço de transporte). Mesmo os trabalhadores vinculados a funções produtivas que se prolongam na esfera de circulação do capital, geram mais-valia tão somente para o capital ao qual estão subsumidos (caso dos custos de conservação dos estoques, por exemplo), mas no conjunto da produção global, permanecem como dispêndio da riqueza social gerada no âmbito do capital produtivo, são *faux frais* (falsos custos) determinados pela necessidade da transmutação formal do capital-mercadoria em capital-dinheiro.

Diante da crise de esgotamento do capital e do seu processo de valorização emerge da pena de Kurz o grande desafio de sua superação e uma sombria análise da possível barbárie. O ceticismo relativo advém da crítica acerba e devastadora do movimento operário e à qual, até este momento, nenhum dos seus representantes respondeu satisfatoriamente:

Uma vez que essa crise consiste precisamente na eliminação tendencial do trabalho produtivo e, com isso, na supressão negativa do trabalho abstrato pelo capital e dentro do capital, ela já não pode ser criticada ou até superada a partir de um ponto de vista ontológico do 'trabalho', 'da classe trabalhadora', ou da 'luta de classes trabalhadoras'. Nessa crise, e em virtude dela, revela-se todo o marxismo da história como parte integrante do mundo burguês da mercadoria moderna, sendo por isso ele próprio atingido pela crise (p. 227; vide também p. 29 e pp. 46-67).

Kurz aponta uma contradição entre uma suposta ontologia do trabalho inerente às formulações do movimento operário e o próprio "trabalho" como

categoria social constituída pelo capital e submetida à forma mercadoria. A luta de classes poderia, assim, atingir no máximo a “emancipação capitalista dos trabalhadores” garantindo o reconhecimento dos seus direitos alusivos à cidadania, ao valor da força de trabalho e à “impessoalidade” como “máscaras de dinheiro” (Kurz).

É correto entender a força de trabalho como elemento estrutural do valor-capital cujo movimento cíclico pressupõe a reprodução do capital variável; entretanto, a força de trabalho não é apenas constituída pelo capital, mas também *negada* e como Engels acentuou nas suas derradeiras missivas, o pensamento marxista não opera segundo causa e efeito e sim dialeticamente.

Uma suscinta leitura do capítulo X de *O Capital* (conceito de mais-valia relativa) demonstra uma tendência imanente da produção capitalista e desnuda o papel contraditório da força de trabalho. A mais-valia relativa provém da diminuição do tempo de trabalho necessário, *ceteris paribus*, aumentando o tempo de trabalho excedente:

O desenvolvimento da força produtiva do trabalho, no seio da produção capitalista, tem por finalidade encurtar a parte da jornada de trabalho durante a qual o trabalhador tem de trabalhar para si mesmo, justamente para prolongar a outra parte da jornada de trabalho durante a qual pode trabalhar gratuitamente para o capitalista.⁶

A produção infrene de mais-valia tende a suprimir o tempo de trabalho necessário, eliminando os fundamentos de si mesma: Não há trabalho excedente sem trabalho necessário, pois duas figuras antitéticas sempre se pressupõem reciprocamente; se a jornada de trabalho se reduzisse a uma única parte, deprende-se que o incremento da produtividade, ao reduzir o valor novo agregado por mercadoria, jamais atinge 100% de capital constante sem destruir no nível global a valorização do capital. Por outro lado, em que pese a progressiva redundância do trabalho vivo, a mínima parcela da população trabalhadora que é produtiva assume uma importância enorme como elemento estrutural da acumulação de capital e ao mesmo tempo em que é constantemente negada é também constituída como negação do capital, por menor que seja do ponto de vista numérico; mas dada a sua diminuição absoluta, não se pode descurar a questão do desemprego estrutural e suas conseqüências especificamente políticas. Kurz critica severamente a “primazia da política” (p. 54) asseverada por Lênin, à medida em que a história capitalista (para Kurz) é um processo sem sujeito, fruto do movimento contraditório das forças produtivas e das relações de produção, já

6 *Idem, ibid.* I, 1, p. 225;

que os assim chamados sujeitos são “personificações de categorias econômicas” (Marx) e não criam a sua própria forma de intercâmbio, são por elas engendrados. A solução apresentada é, portanto, meramente especulativa (pp. 229-234) e eivada de considerações pessimistas, embora honestamente formuladas (p. 234).⁷

Contudo, a autonomia relativa da política, presente nos pensamentos de teóricos como Marx, o último Engels particularmente, Lênin, Gramsci, Mao Tse Tung, etc., implica a mobilidade dos termos contraditórios que, em determinados momentos, assumem o aspecto principal ou secundário. As classes não são meros epifenômenos das condições objetivas da produção capitalista, assim como o dinheiro, que é signo do valor, não é mera manifestação fenomênica de relações humanas ocultas, logo não é mero signo.

O próprio Kurz, reconhece o papel especificamente político do proletariado russo com desembaraçador dos entraves sociais ao desenvolvimento das forças produtivas (p. 54), observa os fatores de consciência (p. 130) e os costumes (p. 131) como elementos que prolongaram a existência do “socialismo de caserna”.

A diminuição histórica do trabalho abstrato, afirmada por Kurz, interpela decisivamente a toda a humanidade: a abolição do capital dentro do próprio capital é também o progressivo fim do sujeito histórico de sua superação. Mas ao contrário do que se supõe, o papel político dos trabalhadores se alarga enquanto classe hegemônica capaz de dirigir um bloco de forças sociais não diretamente produtivas. Neste sentido, é necessário elaborar uma alternativa racional (p. 233), e reconhecer a diversidade dos sujeitos históricos que se constituem como tal, de acordo com o desenvolvimento objetivo das forças produtivas ao lutarem pela superação do capital.

Texto apresentado na sessão Imagens do Socialismo, 23/7/1993.

7 “(...) a objetividade das relações de produção nunca dispensa o momento de sua personificação, de sua introjeção na subjetividade das pessoas agentes (...)”, (J. Gorender, *O Escravismo Colonial*, São Paulo, 1988, p. 179).